



UM ESTUDO SOBRE A BASE ALIMENTAR PRATICADA PELA POPULAÇÃO RIBEIRINHA DO MUNICÍPIO DE CARAVELAS – BA E A SUSTENTABILIDADE LOCAL.

Liliane Brito de Andrade - Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas – BA. lilianebri@hotmail.com

Patricia Sandes dos Santos – Universidade do Estado da Bahia, pós-graduanda em Zoologia, Alagoinhas – BA.

INTRODUÇÃO

O manguezal configura-se como um ecossistema de transição, entre o espaço terrestre e marinho que se estabelece em regiões tropicais e subtropicais (LEMOS, 2011), constituído de espécies vegetais adaptados à flutuação, salinidade e baixa concentração de oxigênio (SCHAEFFER-NOVELLI, 2002). É caracterizado por vegetação lenhosa típica, adaptada às condições limitantes de salinidade, substrato inconsolidado e frequente submersão pelas marés (SOARES, 1997). A cobertura vegetal acumula sedimentos constituídos de vasas lamosas, argilosas ou arenosas que ocupam a faixa do entre marés até as preamares equacionais (FILHO *et al*, 2007). Apesar de fatores como temperatura média, amplitude térmica, substrato, proteção frente à energia marinha, presença de água salgada e amplitude de marés determinarem a ocorrência dos manguezais ao longo das regiões costeiras tropicais do mundo (WALSH, 1974), as características dos mesmos, em termos estruturais e funcionais, podem ser extremamente variáveis. Dessa forma, podemos descrever o modelo de "assinatura energética" (SCHAEFFER-NOVELLI *et al.*, 1990; TWILLEY, 1995). A mesma especifica processos próprios de produção primária, respiração, ciclagem de nutrientes e troca de matéria orgânica com ecossistemas adjacentes, além do desenvolvimento estrutural, controlados por forças subsidiárias como energia solar, aporte de água doce e de nutrientes e energia das marés, as quais, combinadas em diversas intensidades, vão relacionar os atributos de cada manguezal. Então, a variabilidade da "assinatura energética" explica a diversidade encontrada nos mangues do litoral brasileiro, todos submetidas a diferentes condições climáticas, oceanográficas e geomorfológicas, conforme Schaeffer-Novelli *et al.* (1990). Todo esse conjunto representa a manutenção de uma complexa diversidade de espécies que são de interesse ecológico, econômico e social. Influencia, diretamente, populações da fauna que dependem do manguezal em algum período do seu ciclo de vida, e indiretamente através do material orgânico que contribui para a produtividade pesqueira, pois está relacionado com a exportação de nutrientes para o estuário. Trata-se de um ambiente que é utilizado como local de reprodução de diversas espécies aquáticas e terrestres (ESPING *et al*, 2007). Essa diversidade biológica está intrinsecamente associada ao conceito de uma alimentação saudável. A mesma deve ser baseada em práticas alimentares que assumam a significação social e cultural dos alimentos como fundamento básico conceitual. Neste sentido é fundamental resgatar estas práticas bem como estimular a produção e o consumo de alimentos saudáveis regionais (como legumes, verduras e frutas), sempre levando em consideração os aspectos comportamentais e afetivos relacionados às práticas alimentares (BRASIL, 2010). A saúde depende também de um nível nutricional ótimo, baseado na polidieta e que previne doenças e reduz as deficiências nutricionais (SICHIERI, 2000).

OBJETIVOS

O presente estudo teve como objetivo discutir acerca da base alimentar realizada pela população ribeirinha do município de Caravelas - Bahia, traçando um paralelo com a sustentabilidade local.

MATERIAL E MÉTODOS

Previamente, foi efetivado um estudo bibliográfico das espécies biológicas presentes na região e que são comumente usadas na alimentação. Foi realizada 1 entrevista em cada moradia da região ribeirinha, totalizando 189. Durante o estudo foi utilizada a observação participante para que pudessem ser percebidos os significados de uma alimentação saudável, sustentabilidade, ecologia, crenças e valores locais. As entrevistas seguiram a análise conforme a descrição de Laurance Bardin (1988), registrando o cotidiano ambiental onde os ribeirinhos estão inseridos.

RESULTADOS

A diversidade de animais presentes no manguezal caravelense é destacada por moluscos como lambreta (*Lucina pectinata*), mexilhão (*Mytella falcata*), sururu (*Mytella guyanensis*), ostras (*Crassostrea sp.*), berbigão (*Anomalocardia brasiliana*). Entre os crustáceos temos o guaiamum (*Cardisoma guanhumi* Latreille, 1828), caranguejo aratu (*Aratus pisonii*), aratu vermelho (*Goniopsis cruentata*), caranguejo uçá (*Ucides cordatus*), siri (*Callinectes sapidus* Rathbun, 1896), siri açú (*Callinectes danae* Smith, 1869), pitu (*Macrobrachium carcinus*) e camarões (Lemos, 2011). Também estão presentes aves como as garças (*Casmerodius albus*), guará (*Eudocimus ruber*). Há também espécie de anfíbios, insetos, mamíferos como, por exemplo, morcegos, capivaras, guaxinins, macacos, peixes como robalo (*Dicentrarchus labrax*), tainha (*Mugil cephalus*) entre outros. Algumas raízes e legumes são cultivados no quintal das casas.

DISCUSSÃO

Tanto os homens quanto as mulheres vão ao mangue para capturar os mariscos. Em 37% das residências as mulheres são responsáveis pela atividade de marisqueira enquanto os homens ficam com a pesca. Da totalidade de casas entrevistadas, 73% utilizam a captura de marisco e peixes comercialmente. Foi unânime a fala de que os animais capturados estão escassos. Apenas alguns moradores criticaram vizinhos que não respeitam a época do defeso. Os vegetais plantados no quintal são para subsistência, sendo usadas comercialmente apenas por 5 famílias.

CONCLUSÃO

A base alimentar da população ribeirinha caravelense é proteica, proveniente do mar ou do mangue. Utilizam pouco os legumes, cereais e raízes. Demonstraram uma insatisfação relacionada com a diminuição dos pescados e mariscos em geral, demonstrando o conhecimento de que o uso indiscriminado dos recursos naturais leva à escassez. É fundamental uma intervenção de caráter social que venha a auxiliar essa população a tomar medidas de sustentabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. 1988. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

ESPIG, S., A.; *et al.* 2007. Identificação do ecossistema mangue na Ilha do Maranhão através de técnicas de classificação utilizando imagens do sensor CCD-CBERS-2. In: XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Florianópolis, Brasil, INPE, p. 5731-5737.

FONSECA, I. A. Z. 1995. Uma revisão dos EIA/RIMA sobre manguezais. 82 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Programa de Pós Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FILHO, G. A. N. *et al.* 2007. Desenvolvimento estrutural de bosque de mangue ao longo do gradiente de inundação do rio Arinquiná - baía de Tamandaré, Pernambuco. Boletim técnico científico CEPENE, Tamandaré, v. 15, n. 2,

p. 31-37.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. *et al*; 1990. Variability of mangrove ecosystems along the Brazilian coast. *Estuaries, Columbia*, v.13, n.2, p.204-218.

SICHIERI, R. *et al* . 2000. Recomendações de alimentação e nutrição saudável para a população brasileira. *Arq Bras Endocrinol Metab*, São Paulo, v. 44, n. 3.

SOARES, M. L. G. 1997. Estudo da biomassa aérea de manguezais do sudeste do Brasil – análise de modelos. 560f. Tese (Doutorado em Ciências) -Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo.

TWILLEY, R. R. 1995. Properties of mangrove ecosystems related to the energy signature of coastal environments. In: HALL, C. (ed.). *Maximum Power*. University of Colorado Press. Boulder, p.43-61.

WALSH, G. E. 1974. Mangroves: a review. In: REIMOLD, R. J.; QUEEN, W. H. (ed.). *Ecology of halophytes*. New York: Academic Press. p. 51-174.

Agradecimento

CEPENE/IBAMA - Projeto Manguezal, Caravelas, Bahia.